





aos afetos nati-mortos.









Sumário

11 Parte I. Ensaio sobre o pudor:
Reflexões sobre a Formação do Olhar

28 Parte II. Contos em Vão

Deitar

Menarca

Chapeuzinho Vermelho

Me possua (eu sou sua)

Você me faz salivar

Regozijo

42 Parte III. Evidências:
Vídeos e Afetos

57 Dados e Referências

61 Índice de Imagens



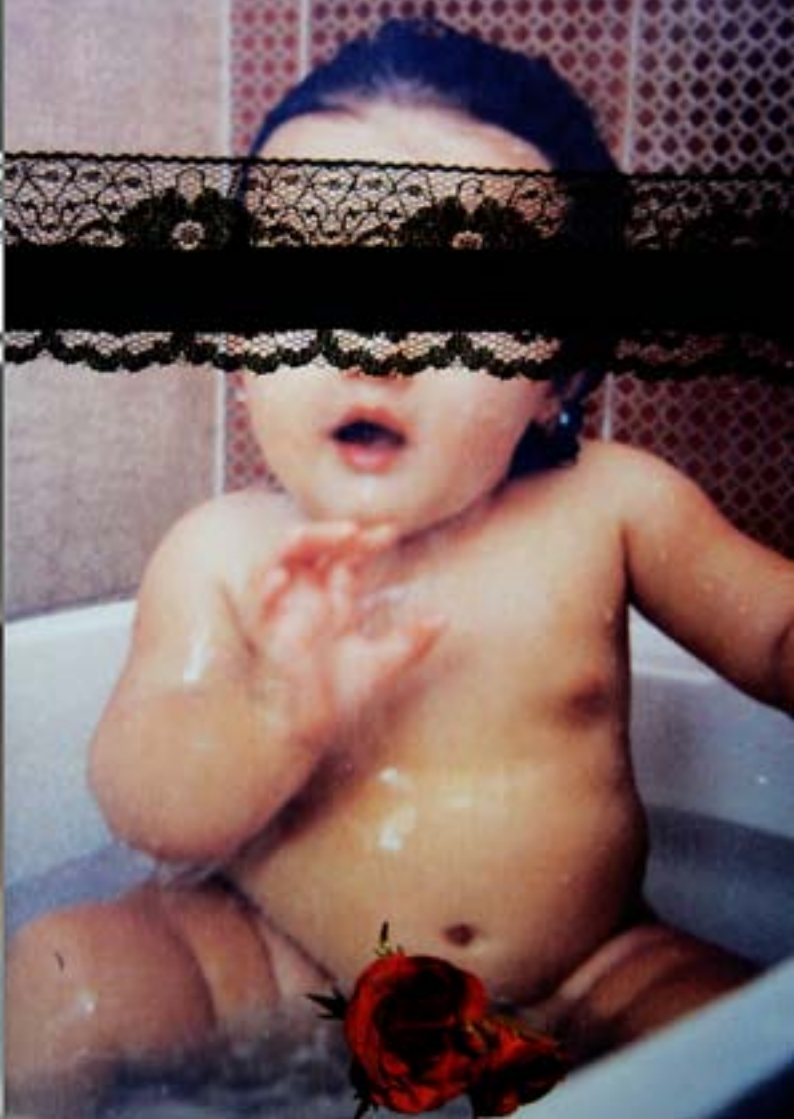
*Tal qual o promíscuo que patologiza seu desejo,
assim é o a artista que justifica sua criação.*



Parte 1. Ensaio sobre o Poder

— reflexões sobre a formação do olhar —







Desejar é arquitetar plasticamente um delírio.

Minha arquitetura tem como alicerces a imagem.
O amor começa pelo prazer dos olhos.

E, com meus olhos promíscuos de voyeur, passei um tempo em uma masturbação santa, até que deixei que o amor me adentrasse por outros orifícios.

Tenho essa lembrança, eu criança, de castigo virada para o canto do cômodo, rosto contra a parede e vergonha. Um único pedido em mente: “me proteja daquilo que eu quero, deixe-me ser suficiente.”

Quando tento resgatar minha memória, é como se eu me encontrasse diante de uma imensa pintura, formada por camadas e camadas de lembranças, inacabada, sempre em processo, sempre se renovando. A memória é reinventada a cada recordação resgatada, a cada detalhe novo adicionado àquele momento que nem mais sabemos se este é vinculado ao que realmente se passou.

Uma criação, um romance pessoal; a alucinação que chamamos de realidade.

Pois eu sou construída por tudo aquilo de que me lembro, por tudo aquilo que esqueci, aquilo que neguei e aquilo que transigi.

Sou um conjunto de excessos e faltas.

Eu nasci com pele, língua e dentes.

Nasci com vagina e clítoris. E, por um desatino biológico, descobri que também ejaculo.

Esse é o meu corpo, e ele é a única coisa da qual eu não posso fugir.

E como bicho que sou eu proclamo minha inocência animal. Mas, fatalmente, em algum momento, nós sempre somos descobertos em nossa inocência.

Lembro-me do pânico de quando gozei pela primeira vez, molhando todo o carpete da casa de minha avó. Naquele momento se tornou óbvio para mim que alguns desejos seriam difíceis de esconder, se não impossíveis.



Diante do carpete encharcado, fui descoberta e passei pela vergonha e humilhação de ter estragado tudo. Estragado o carpete, estragado minha infância, estragado os olhos de minha mãe, estragado a imagem de filha.

A repreensão se enfiou em mim, tal como meu gozo penetrou nas fibras do carpete, e dali nunca mais saiu. Descobri que a vergonha tinha forma, cheiro, textura, sabor.

Sou filha de uma bailarina russa, criada em sua eugenia imagética, e diante da brancura ninguém é inocente.

Mas então como alimentar as fantasias neste zoológico cultural?

Nós, animais enjaulados, podemos até dizer que amamos e somos fiéis aos nossos pais, nossos companheiros, nossos amantes, nossa ciência e nosso deus, desde que a verdade seja dita a outra pessoa.

Não existe criação sem delírio.

Não existe expressão sem corpo, não existe arte sem prazer. Mas, não falo dos prazeres domesticados, afinal, quem não está enfadado de todos esses prazeres monocromáticos?

Algumas pessoas só alcançam o orgasmo ao criarem uma fantasia de violação. A transgressão e o excesso são componentes obrigatórios do erotismo.

Estou exausta de assassinar delírios na não-ação, tal qual o desenho aprisionado na linha e papel, onde nada pode extravasar o plano previamente estabelecido.

O que nós não faríamos se não estivéssemos com medo?

A infância é um conto de fadas sobre escravidão, onde nós aprendemos a ter gratidão por aqueles que nos educam. A iniciação da mente na natureza do mundo visível é moldada naqueles primeiros anos onde a crueldade materna e paterna ainda é vista como amor, e os atos de submissão crescem entre os sinais, na repetição de imagens e no discurso.







Nos meus primeiros anos de construção do olhar, a imagem que mais me despertava fascínio era a misteriosa imagem do pai.

A falta dessa presença me moldou e me penetrou em lugares que nem eu mesma sabia que existiam. Enquanto as outras crianças o construía em detalhes, eu delineava um pai na contra forma, criando o meu universo em torno do seu vazio. Nesta tela em branco surgiu um monopólio sobre a vontade e uma estranha sensação de hereditariedade que se enraizou em mim, pois de cada homem que preencheu por algum tempo aquele lugar eu herdei(arranquei) algo.

Eu brincava com colagens naquele grande vazio, arquitetando o delírio do pai, desejando que alguém me chamasse de filha no momento do orgasmo. Quando o momento chegou, toda a imagem paterna se manchou de porra e lubrificação, e naquele momento me foi revelado o violento medo de admitir o imenso prazer que é romper alguns limites ancestrais e profanar aquilo que antes era sagrado.

Alegrias violentas têm fins violentos, mas permaneceu preservado no regozijo, o poder perverso de transformar todo penar cultural em gozo.

Através da minha primeira obsessão pelo pai, descobri um profundo prazer pela perversão, o prazer de desconstruir algo que deveria ser sólido, o prazer de quebrar o mármore do legado cultural. A transgressão de esfacelar um conceito liso e branco.

Quem nunca quis derramar seu desejo e saliva sobre todos aqueles que nos moldaram? Corromper a pele gelada daqueles que não assumem o risco do afã pelo coito. Como eu gostaria de recebê-los dentro de mim, Jesus de Nazaré e Sigmundo Freud, possuí-los em meu transe, devorar seus pênis e lhes oferecer o aconchego do útero.

Eu sei, a sinceridade não é elegante, mas a criação existe quando estamos caindo de amores, ou caindo aos pedaços. E, nessas ocasiões de paixão e morte, nada é alinhado, e não seria diferente no momento da destruição do romance familiar.







Consentir o desejo depravado é se impor contra o roubo do nosso poder perverso. É um protesto à cientifização do corpo, à patologização do desejo e ao legado religioso-psiquiátrico. É preciso ter consideração pelas fantasias que nos brotam à mente, é vital estar atento ao chamado corporal, pois não existe uma abdicação completa da vontade, o que existe é o sufocamento doloroso nas tentativas frustradas de sublimação.

E eu admito que, nesta sociedade de autoridades masculinas, discriminatória e hierarquizada, odiei todos os homens com os quais me deitei, como se cada um carregasse simultaneamente a semente maldita do soldado, do professor, do sacerdote, do médico e do pai. Mas, também admito que desejei todos os homens com os quais me deitei, como se cada um carregasse a retificação para a mulher excessiva que me tornei, pois é através dos olhos de homens que aprendemos a nos ver como mulheres.

Entre paixão e repulsa, me delicieei ao subverter toda ideia de cura e dominação no transe sexual, pois o choque do desejo desconstrói tudo, e nessa

dança de possessão e possuído, a fusão dos corpos é uma subversão do poder.

Acontece uma maravilha plástica no momento do prazer, um alargamento do horizonte estético, pois, ali, até mesmo as imagens mais excêntricas se preenchem com deleite.

O arrebatamento sexual rompe a superfície virtuosa sacal do indivíduo para revelar a inescrupulosa ânsia de sentir, pois a liberação dos impulsos só existe na desordem social. Em meio deste transe, nós não mais reconhecemos o conceito do sublime.

Talvez a arte deveria ser feita em um momento de excitação, naqueles momentos onde uma mordida ou um tapa, são tão doces quanto a saliva e o beijo.

Quem sabe assim nós não abandonaríamos o apreço pelo “branco”?



Vivemos um estupro científico cotidiano que penetra a filosofia, a religião, as artes e o corpo. Uma doença de época que arranca o valor de tudo aquilo que não é objetivo e utilitário.

Todos somos criados neste hedonismo asceta, e estou farta do meu pudor, estou farta da domesticação do prazer, farta do massacre sobre o desejo.

Nosso adestramento educacional deveria ceder aos momentos onde cada parte do corpo é celebrada.

Cada dobra, cada curva, cada textura, cada cor, cada odor e sabor exaltados!

Como eu gostaria que, mesmo após o gozo, o enebriamento sexual permanecesse, como eu gostaria que o desejo inovador se alargasse para fora do indivíduo e inundasse todas as estruturas limitadoras sociais, para que assim pudéssemos morrer de viver.

Parte II. Contos em VaS



...do da terra sobre
...da crosta da
...cristais como
...ativa e impetuosa e se
...angustiar-se. ... entai-
...lhas e cas...
...parte seca recém-formada, ... quente devido ao seu próprio calor. O
...clima era tropical em toda parte: a vegetação desenvolveu-se rapidamente
...e em proporções gigantescas; devido às inúmeras intempéries e subversões
...formadas da crosta, resultaram dessa vegetação as atuais paisagens de hoje.

O Quarto Dia, 114-19

November 1980 *Volume 5*

None, Two,
Others.

[illegible]

As todas estas histórias babilônicas e assírias, acerca da criação, e
seus aspectos políticos. Mas, à vista de tantos traços de semelhança
entre as histórias babilônicas e assírias, que tiveram uma origem comum, e

DEITAR

Meu maior medo quando pequena, era o medo de adormecer.

Eu tinha uma visita constante, um mesmo cenário me perseguia noite após noite.

Um demônio assombroso se deitava sobre meu corpo, não permitindo que eu me movesse ou respirasse.

Eu tentava me debater para despertar daquela asfixia, mas seu peso descomunal me pressionava, me obrigando a permanecer paralisada sob a escuridão daquela criatura tremenda.

Uma noite, consegui sussurrar: “Por que você me sufoca todas as noites?”

E na turvação, vi olhos cor de pólvora faiscarem.

“Não sou eu quem te procura” a boca abissal respondeu “é você quem se esgueira todas as noites sob meu corpo.”

MENARC

V

A menina acordou de sonhos perturbadores.
Ela estava sangrando.

Em passos miúdos ela caminha até o quarto de seu pai, levando a notícia:

- Pai, eu sou velha o suficiente para sangrar.

Os olhos do homem pousam entre as pernas da menina, examinando as marcas da sangria.

- Filha, agora você é velha o suficiente para me amar.

Tomada por amor a menina se atira sobre o homem arrancando-lhe as roupas, os olhos e a língua.

Ele agora também era velho o suficiente para sangrar.



Fig. 49. *Reveries du Téméraire*
(Cortina by Baker House)

v
o
e c h u o h
a p e h
z i n l
r m e

Era uma vez uma menina que desejava ser devorada por uma besta. E assim ela o foi.

E ela riu-se ao se mesclar com as entranhas do animal, se tornando carne, sangue, dentes, unhas, pelo e suor.

Encarnada com o espírito bestial, ela rugia.

Avidamente toda sua vila foi consumida em uma chacina brutal.

E todos seus abusos foram seguidos por uma manhã seguinte.

A menina não mais existia.

Este foi o começo de sua Saturnália.



me pinto.

Me possua

(eu sou sua)

Ela me observa com os olhos bem abertos, com as suas mil bocas escancaradas.

Sua língua massageia a minha pele e pêlo.

Seus braços são ramos receptivos, em seu abraço sucumbo ao aconchego mortal de sua beleza.

Aninhada em seu corpo, eu busco a remissão, e a imploro perdão por não tê-la venerado até aquele instante.

Ela me convida para seu útero e sepulcro.
Ela me promete: “Eu te farei rei.”

Dentro do seu corpo sou enterrada viva,
e passo a ser diluída no seu pântano uterino.
Toda minha herança e legado passam a ser decompostos.

Agora sou maleável como o barro,
agora eu sou argila,
a última besta no firmamento.

você me faz salvar i

Meu corpo inquieto seguiu seus rastros, e eu afiava meus dentes, unhas e língua a espera do nosso encontro.

Eu ansiava pelo gosto ancestral do sangue dos reis. Um desejo tão forte que aos poucos sua presença se tornara vital.

Devorei todos os animais, você não poderia se sustentar. Sorvi todos os rios, você não poderia beber. Incendiei toda a mata, você não poderia se esconder.

E admito que quase morri de exaustão, me debatendo contra o tempo que insistia em apagar suas marcas. Mas eu te preservei, cada lembrança foi conservada.

E hoje finalmente te encontrei.
Mas por que não vejo o titã o qual farejava?
Você me enganou.

Te observo entre meus braços, vendo este seu corpinho mole de criança agitado e assustado.

Para de se debater, para de se retorcer. Pare de gritar.
Eu estou tão emocionada com o nosso encontro.
As minhas lágrimas nos lavam os corpos,
ou não seriam as suas?

Meu corpo te envolve, e toda minha pele te embrulha.
Aos poucos a sua carne se deforma, seus pulmões se esvaziam, seus ossos se fraturam, todas as artérias se comprimem, e posso até ver seus olhos pulando das órbitas.
Enrolada em você, observando seu rostinho azulado, agora percebo meu engano.
Os rastros não eram seus, este tempo todo persegui minhas próprias marcas.

Te devoro assim mesmo.

Ficava sobre os rios Tigre e Eufrates, na junção destes com o Píon e o Giom, 2:10-14. O Píon e o Giom não foram identificados. O Tigre e o Eufrates nascem na região montanhosa do Cáucaso, no sudoeste da Ásia, correm para o sudeste e deságuam no Golfo Pérsico, que é um braço do Oceano Índico. Ver mapa na pág. 75.

Assim, pode-se dizer que o homem foi criado e colocado na terra, não apenas no centro de sua superfície, porque esta região do Cáucaso-Eufrates é, aproximadamente, o centro do Hemisfério Oriental, o meio dos dois hemisférios, ver o quadradinho preto no mapa 1, pág. 24.

Os etnólogos quase que geralmente consideram esta região como a residência original de todas as raças da humanidade. Daí vieram o boi, a cabra, a ovelha, o cavalo, o porco, o gado e a maioria dos animais domésticos. Daí também são originários a maçã, o pêlago, a pera, a ameixa, a cereja, o melão, o trigo, a amora, a groselha, a uva, a oliveira, o figo, a tâmara, a melancia, o melão, a cevada, a aveia, a cevada, o feijão, o linho, o algodão, o arroz, a cebola e a maioria de nossas frutas e legumes. Foi o berço da agricultura.

A Babilônia

As regiões férteis das margens dos rios Tigre e Eufrates, as quais talvez não se elevavam tanto sobre o nível do mar (ver o mapa na pág. 75), seriam provavelmente o berço do fideísmo. O local tradicional e geralmente reconhecido para a Babilônia, berço da fé do Euphrates, "Babil" em hebraico.

Uma cidade de 160 mil habitantes, que se estende até Uruk, no rio Tigre, e a linha interfluvial entre os dois rios foi formada por um canal de irrigação que mudou de posição em que ligavam os dois rios.

Os babilônios tinham uma religião muito diferente da dos sumérios, o polígrafo, sendo a religião dos sumérios e dos babilônios. 2:10; prosseguiram a religião oriental e ocidental, da qual os babilônios tinham uma substância diferente. O que é a religião dos babilônios? Não pode ser a religião dos sumérios e dos babilônios, a religião do homem, em que a religião dos babilônios estava com a qual o próprio Adão a continha.

Cap. 2:4-17. O J. Adão de Eden

O J. Adão de Eden é chamado "Deu" (Elohim), nome próprio do Senhor Deus. Adão é o Senhor Deus (Góvā Elohim). Seu nome pessoal, o primeiro passo de um longo processo da auto-revelação de Deus.

Inscrições babilônicas antigas dizem: "Perto de Uruk havia um jardim, em que existia uma árvore sagrada, a árvore da vida, plantada pelos deuses, cujas raízes eram plantadas enquanto seus ramos tocavam o céu, era protegido por espíritos guardiões, ninguém penetrava nele."

As ruínas de Uruk foram descobertas por Hall e Thompson, do Museu Britânico (1900). Encontraram-se ali uma cidade próspera e culta, revelando um povo primitivo.

A Região de Uruk

Foi revelado que as escavações que foram feitas em Uruk era densamente povoada, a mais remota das cidades conhecidas, e que durante séculos o centro que era a região onde muitas das inscrições mais antigas e mais importantes foram encontradas. Uruk, residência dos sumérios (ver o mapa na pág. 75).

Para, tradição, a religião dos sumérios, pág. 75, a pág. 112. Uruk, Obeide (Al Uruk) onde se encontra a mais antiga biblioteca babilônica, a qual se conhece (pág. 46), datava de 3000 a.C.

Uruk, uma das cidades imensas da Mesopotâmia (ver o mapa na pág. 75), datava de 3000 a.C.

Nipur, outro centro de bibliotecas (ver o mapa na pág. 75), era a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, onde se achava a mais antiga biblioteca babilônica (cidade de Uruk).

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

Uruk, a religião dos sumérios, a religião dos sumérios.

REG(

)ZIJ0

Observe minha pele branca.
Contemple as infinitas pérolas, costuradas por
infinitos fios em meu oculto corpo flagelado.
Admire minha matéria pesada e cintilante.

E assim prenda-me os punhos,
Arranca-me as unhas,
Despedaça-me os dentes,

Descole-me as retinas,
Fura-me os tímpanos,
Corte-me a língua,

Decepe-me os pulmões,
Mutile-me os ovários,
Incendei minha carne.

Minha concha enfim esvaziada.

Deixei que este corpo se liberte em fuligem e
fumaça.

Parte III. Evidências

- vídeos e afetos -





Quero escapar do isolamento.
Sou criador e criatura.
Quem me dera ser contagiosa.

Tenho uma doença sem cura, tenho um corpo infantil, perdido e exposto.
Com esta minha mente infante, ainda possuo um gosto pelo desvio.
Tenho a moléstia do deslumbramento.
Gostaria de tocar tudo, me comunicar para além das palavras, carrego essa necessidade de sentir.
Mas, isso não seria paixão?

Como a criança retardatária que se perde na excursão, permaneci abandonada no Éden, atrasada para o momento da expulsão, persisti no jardim.
Alimentada, mas ainda assim faminta.
Eu não soube renunciar meu corpo de prazer.
Sozinha, em meu jardim de delícias, não posso me fazer ouvir, não importa o quanto eu grite.
A infância agonizante ecoa, como uma doença sem cura, ignorada mas inquieta, um vício impossível de se saciar.



O que fazer com tudo isso que me brota no
sangue?
O que fazer com o desejo que eu construí por
você?
Solitária, me torno assassina, parindo sentimentos
nati-mortos.
Devoro meus filhos com o sabor amargo.
Deixa eu te tocar, não consigo aceitar que estou
aqui sozinha com estes partos amaldiçoados.

Não me prive de você.
Eu me encontro entre os dentes do desejo.
Eu sou escrava das sensações,
elas me arrastam dia após dia,
e mesmo que eu me debata,
elas continuam a cavar túneis entre minhas
costelas.

Os afetos são intervenções selvagens, que se
aninham na mente dos que os farejam,
perturbações se arrastam para fora de cavernas
subterrâneas e nos espiam por debaixo das
cobertas.

A parte muda e furtada que subsiste em nós é
rasgada pelo assédio dos devaneios.
Coisas estranhas vão aparecer no seu caminho.

É hora de se entranhar. Você é um animal como
eu, não existe cura para isso.
Na queda todos chegamos aqui, o que nos
diferencia é a intensidade da nossa recusa.



Você saberia em quantos colos eu te procurei?

Se eu tivesse um pênis, te penetraria. Te rasgaria.

Fecho os olhos e só penso em você. Me masturbo pensando em vários homens.

Eles vem e me arrancam os pedaços.

Nem todos têm desejos macios. Você me disse: Deus nunca lhe dará mais do que você pode suportar.

A dor purifica. Eu me humilho. Façam o que quiser, só não me rejeitem.

Cada cicatriz é o fantasma do seu desprezo, e cada gozo minha resposta ao seu silêncio.

Depois do desespero, eles vão lamber minhas lágrimas.

TRÍPTICO EM BRANCO, VERMELHO E NEGRO

Vídeo digital, Cor, Som, 24'45".

2013

A imagem reverbera a vontade do corpo.
Tudo atravessa a esfera da necessidade, daquilo
que não se pode deixar morrer silenciado na
garganta. Uma rebelião ao temor, aos sentimentos
ocultos e à repressão da palavra.
Não há nada que seja inconfessável.

Branco, Vermelho e Negro:
confissão, paixão e morte.

Os estados alquímicos são o reflexo do drama
humano, a tentativa de resgate daquilo que nos
foi arrancado.

Suas cores são a projeção dos corpos excitados e
machucados daqueles que desejam expurgar de si
o medo pela vida e a negação pela morte.

Quando a vida nos invade, oferecendo-nos o
indizível, são essas cores que nos acompanham
tanto na nossa aceitação, quanto na nossa recusa.
Porque, é quando sentimos a necessidade de
contato, que o desejo nos ruboriza, trazendo
o sangue para a superfície da pele, enquanto
que o temor se faz negro em nós, expondo a
presença demoníaca do caos. E se o nigredo não
for abraçado, o temor triunfará, o sangue fluirá
para o interior de nossas entranhas, deixando a
pele pálida e fria, como uma letárgica e imaculada
superfície branca.

O albedo é o estado ideal e abstrato de purificação,
onde se é impossível viver. A vida requer sangue,
o rubedo existe quando aceitamos que não somos
mais senhores de nós mesmos, e encarnamos a
paixão, o glorioso estado humano.



SANGRO, LOGO EXISTO.

Vídeo digital, Cor, Som, 4'11".

2014

*“Cirandando em torno das rosas,
Um bolso cheio de poesias,
Cinzas! Cinzas!*

Nós todos caímos.”¹

Alimentar, devorar.
Ser alimentado, ser devorado.
Todos somos assassinos e vítimas, aniquiladores e
aniquilados.
A existência é violenta e excessiva, me escorre
pelas pernas todos os meses a potência de vida
transformada em sangue.
Amamento meu amante com minha menstruação.
Deixo que ele me coma a carne.
No dinamismo do sangue que se sorve e derrama,
o amor nos é revelado:

A morte faz parte da vida.

¹ “Ring Around the Rosie” é uma canção folclórica associada popularmente à Peste Negra.



ELA AINDA TEM DENTES

Vídeo digital, Cor, Som, 3'37".

2014

Todos somos filhos do abismo oceânico.
Meu gene ancestral devorador a tanto tempo
transmitido, existe, ainda que silenciado, sob as
camadas de tempo e terra conquistada.
Minha mãe, a fera marinha; meu pai, a besta
terrena.

Dentro do útero eu já tinha dentes, e devorava
meus irmãos com um prazer inato.
Ganhei a prole, com a carne dos óvulos
fecundados em meu ventre, nasci totalmente
independente.

Como este meu corpo anfíbio poderia, com suas
escamas e pelo, criada em terra e água, um dia
olhar para os céus e clamar:
*"Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e
ficarei mais branco do que a neve"*?¹

Como eu, fruto de um canibalismo intrauterino,
poderia rogar:
*"Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu
pecado"*?²

Como este meu corpo sanguíneo e pulsante
poderia esmolar:
*"Salva-me do pecado de sangue derramado, ó Eterno,
Deus da minha salvação, para que minha língua seja
livre para cantar exaltando a tua justiça"*?³

Não, minha língua canta ao regozijo e meus
dentes ao flagelo.
Sob o céu não existe justiça ou salvação, apenas
presença.

Concebida pela carne o fui,
e perecida pela carne serei.

^{1 2 3} Livro de Salmos cap. 51 versículos 7; 2; 14.



CUM PANIS

Vídeo digital, Cor, Som, 3'18".

2014

Flagelados por deuses pueris,
nós dividimos o pão e a lâmina.
O que não mutilamos para manter este destino?
Nós nos amamos porque vivemos entre a tortura
e o prazer.

Em cultos sacrificiais, nós, infantes criminosos,
construímos o leito macio tecido em alucinações.
Por detrás de cada rosto nós amamos o mesmo.

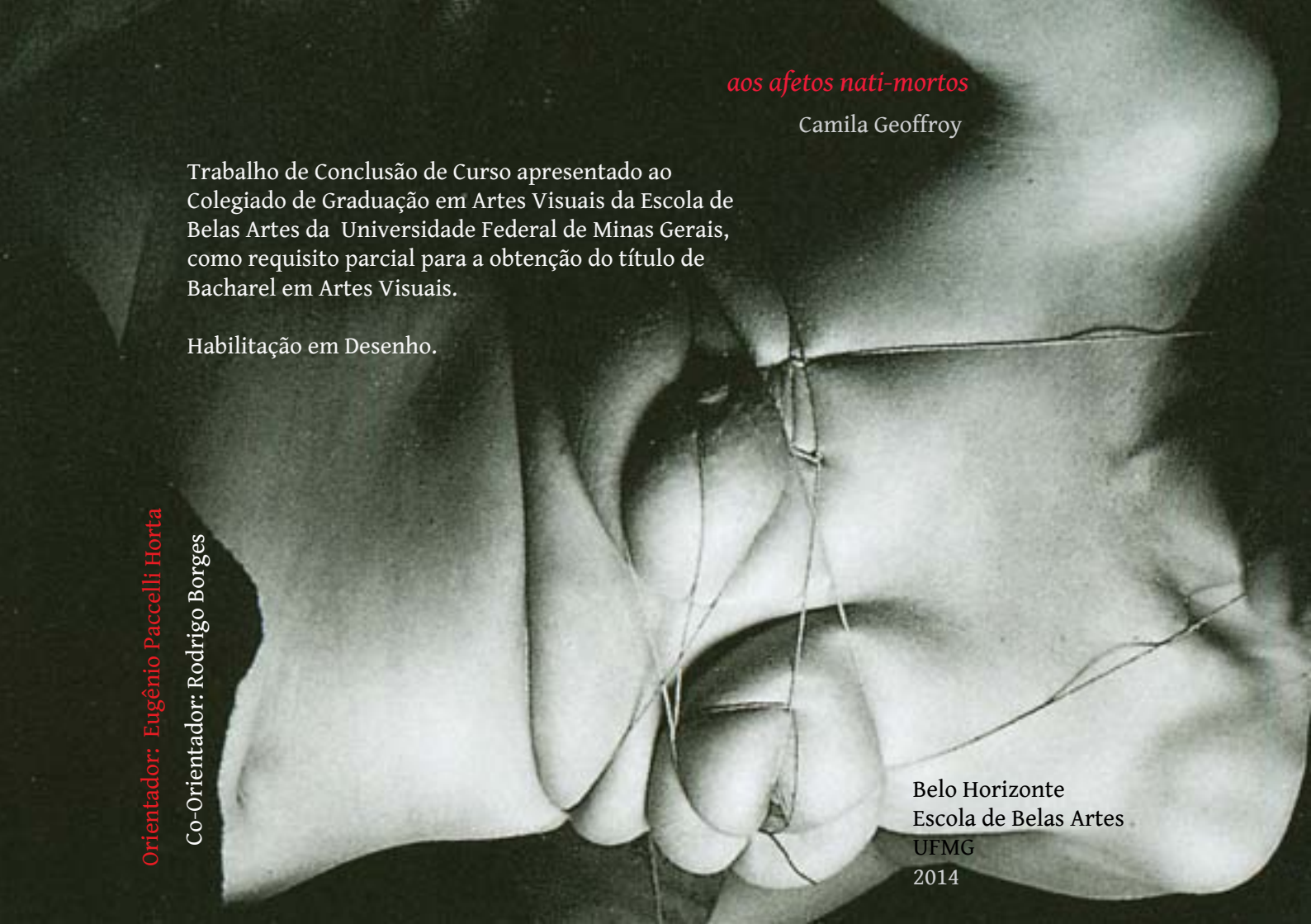
Um rastro foi deixado em nós, a tragédia dos
opostos universais.
Fendas abertas, graças e desgraças, bailando sobre
nosso abismo.

Quero cometer um crime ritual, quero me
despedaçar em você.
Seremos cúmplices dos mesmos assassinatos,
do mesmo vício fiel.
Vítimas voluntárias, presas nessa roda de amores
duplos, são os nossos sacrifícios que cultivam a
felicidade.

No beijo fechamos os olhos, assim como as bestas
no momento do abate.

Nós somos as metades do mesmo engano.





aos afetos nati-mortos

Camila Geoffroy

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação em Desenho.

Orientador: Eugênio Paccelli Horta

Co-Orientador: Rodrigo Borges

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes
UFMG
2014



Referências

BATAILLE, Georges. O Erotismo.
Porta Alegre: L&PM, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo:
Capitalismo e Esquizofrenia.
São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade,
vol. I: A vontade de saber.
São Paulo: Paz e Terra, 2014.

NIN, Anaïs. Little Birds.
London: Penguin Books. 2002.

Vídeos:

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze, avec Claire
Parnet. O Abecedário de Gilles Deleuze.
Direção de Pierre-André Boutang.
Produção de Éditions Montparnasse, Paris. 2004

GREENAWAY, Peter. O livro de cabeceira. Pillow
book, The. Produção de Kees Kasander.
Direção de Peter Greenaway.
França/Holanda/Reino Unido. 1996

TRIER, LARS VON. O Anticristo. Antchrist.
Direção de Lars Von Trier.
Dinamarca. 2009.

Músicas:

ALLEGRI, GREGORIO. Miserere mei, Deus.

ORFF, CARL. Carmina Burana -“Cantiones
profanae cantoribus et choris cantandae”.



Índice de Imagens

Capa

Édouard Manet; *Olympia*, 1863.

Pág. 2

Caravaggio; *Maria Maddalena in estasi*, 1606.

Pág. 4

Lars von Trier; Frame do filme *Antichrist*, 2009.

Pág. 5

Antonio Allegri da Correggio; *Giove e Io*, 1533.

Pág. 6

Franz Von Bayros; *Sem título*.

Pág. 7

Mapplethorpe; *Man in Polyester Suit*, 1980.

Pág. 8

Jheronimus Bosch; *Tuin der lusten*, 1490.

Pág. 10

Jean-Léon Gérôme; *Le Marché d'esclaves*, 1866.

Pág. 12

Araki Nobuyosh; *Sem título*.

Págs. 13, 19, 23

Camila Geoffroy; Imagens da *Série Memórias de uma Retaliação*, 2014.

Pág. 14

Paul-Émile Bécát; ilustração da obra *Oeuvres Libres* de Paul Verlaine, 1948.

Pág. 16

Jean-Léon Gérôme; *Vente d'esclaves à Rome*, 1884.

Pág. 18

Jan Saudek; *Art Nouveau*, 1993

Pág. 20

Jeff Koons; *Ilona's Asshole*, 1991.

Pág. 22

Jean Auguste Ingres; *Jupiter et Thétis*, 1811.

Pág. 24

Katsushika Hokusai; *Tako to Ama*, 1814.

Pág. 26

Apollonia Saintclair; *The bloody nuptials*, 2014.



Págs. 29, 30, 32, 34, 36, 38, 40

Camila Geoffroy; *Série Livro de Borboletas*, 2013.

Págs 43

Camila Geoffroy; *Frames do Vídeo Tríptico em Branco, Vermelho e Negro*, 2013.

Pág. 44

Nagisa Oshima; *Frame do filme Ai no korîda*, 1976.

Pág. 46

Jeff Koons; *Red Butt (Close Up)*, 1991.

Pág. 48

Camila Geoffroy; *Montagem com frame do Vídeo Tríptico em Branco, Vermelho e Negro*, 2013.

Pág. 50

Camila Geoffroy; *Frame do Vídeo Sangro, Logo existo*, 2014.

Pág. 52

Camila Geoffroy; *Frame do Vídeo Ela ainda tem Dentes*, 2014.

Pág. 54

Camila Geoffroy; *Frame do Vídeo Cum Panis*, 2014.

Pág. 56

Robert Mapplethorpe; *Untitled (self-portrait)*, 1973.

Pág. 57

Hans Bellmer; *Unica Zürn*, 1958.

Pág. 58

Martin Van Maele; da série *La Trilogie Erotique*, 1907.

Pág. 60

Araki Nobuyosh; fotografia da série *Tokyo Comedy*, 1997/2007.

Pág. 62

Franz Von Bayros; da série *Le Jardin d'Aphrodite*, 1907

Verso

Gian Lorenzo Bernini; *La Transverberazione di santa Teresa d'Avila*, 1652.

